

31. É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias”

Luene Anicá dos Santos

Eu sou Luene Karipuna, tenho 21 anos, moro na Aldeia Santa Izabel, às margens do rio Kuripi, Terra Indígena Uaçá, e este é o meu segundo relato. Já são praticamente quatro meses em quarentena, durante esse tempo todo pudemos perceber quão vulneráveis somos. Temos recebido contribuições de cestas básicas dos nossos parceiros para o nosso povo permanecer nas aldeias, sei que foi feito o possível para ajudar, mas há algo a se destacar, essas cestas não suprem todas as nossas necessidades, infelizmente.

Nossas famílias nas aldeias são grandes, há famílias que têm algum membro com necessidades especiais e estes precisam de uma alimentação diferente, nossas crianças precisam de leite para que suas mães façam seus mingaus, elas estão acostumadas com esses produtos. É muito fácil falar “fiquem em suas aldeias” quando você tem onde e como comprar o leite das suas crianças. No dia 18 deste mês uma amiga entrou em contato, ela faz parte da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi (OPIAJ), eles lançaram uma vaquinha online para ajudar os bebês recém-nascidos nesse período de isolamento social. Ela relatou um pouco sobre esse trabalho, nas redes sociais estou vendo vários parentes pedindo ajuda para manter seu povo na aldeia bem alimentado, então, a situação não é fácil.

Na aldeia onde moro temos dois técnicos em enfermagem, mas um deles pegou COVID-19 e teve que se afastar desde o início de maio, não lembro ao certo, foi o primeiro caso confirmado aqui na aldeia. Desde então ficamos apenas com um técnico em enfermagem trabalhando, enquanto os sintomas foram começando a aparecer bastante na aldeia, mas não havia teste rápido para afirmar se era COVID-19 ou não, e então o técnico remanescente continuou trabalhando e atendendo as pessoas, mesmo sem saber se era ou não COVID-19, e com praticamente nada de medicamentos no Posto de Saúde.

Nessa época do ano é bastante chuvoso aqui, fica difícil para sair pois o chão fica muito encharcado e acaba virando um pequeno lameiro, mas o técnico atendeu noite e dia, não tinha horário para ele fazer seu trabalho. Isso é importante, por isso gostaria de destacar o trabalho do técnico em enfermagem Luiz César Rezende em meu relato. Outra pessoa que também trabalhou incansavelmente para fazer com que as cestas básicas distribuídas pelos

parceiros chegassem a nossa aldeia, mesmo sem poder reunir muitas pessoas por causa da aglomeração, foi nosso cacique Jackson Paixão, que trabalhou junto com seus filhos, sobrinhos e genros para trazer as cestas da Aldeia Manga e distribuir para a nossa aldeia. Nosso modo de vida coletiva foi muito abalado, mas estamos usando nossos remédios tradicionais no combate ao vírus. Espero e acredito que dê certo.

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque, Amapá, Brasil

21 de junho de 2020